



ANOTE NA SUA AGENDA!

INTIMAÇÃO

De ordem do Excelentíssimo Senhor Wilson Mosca, grão chanceler dos Ibateanos, no uso de suas atribuições a ele outorgadas pelo vétero Conselho dos Anciãos, na forma da Lei, fica expedido o presente libelo convocatório que deverá ser cumprido na íntegra pelos intimados.

Os motivos vêm a seguir elencados:

- A idade avançada dos intimados, com risco de ser o último.
- A necessidade de apoio mútuo.
- A oportunidade de encontrar velhos amigos.
- A recordação de áureos tempos cuja memória é gratificante.
- A terapia do sorriso largo, do abraço apertado.
- A partilha, dividindo as alegrias, apreensões, as vitórias.
- O prazer de percorrer salas, Capela, pátio, corredores que escondem, em cada canto uma saudade.



A presente intimação deverá ser executada rigorosamente nos termos abaixo especificados:

Dia: 24 de Agosto de 2019

Local: Casarão do antigo Seminário, com visão do Morro Saboó

Duração: 9:00 horas “usque ad finem”

Fazem parte integrante desta determinação: caprichado café, a frequência a Santa Missa, a apresentação do Coral e um churrasco de Confraternização.

Dê-se ciência aos interessados, cuja ausência será anotada no respectivo Livro de Ocorrências.

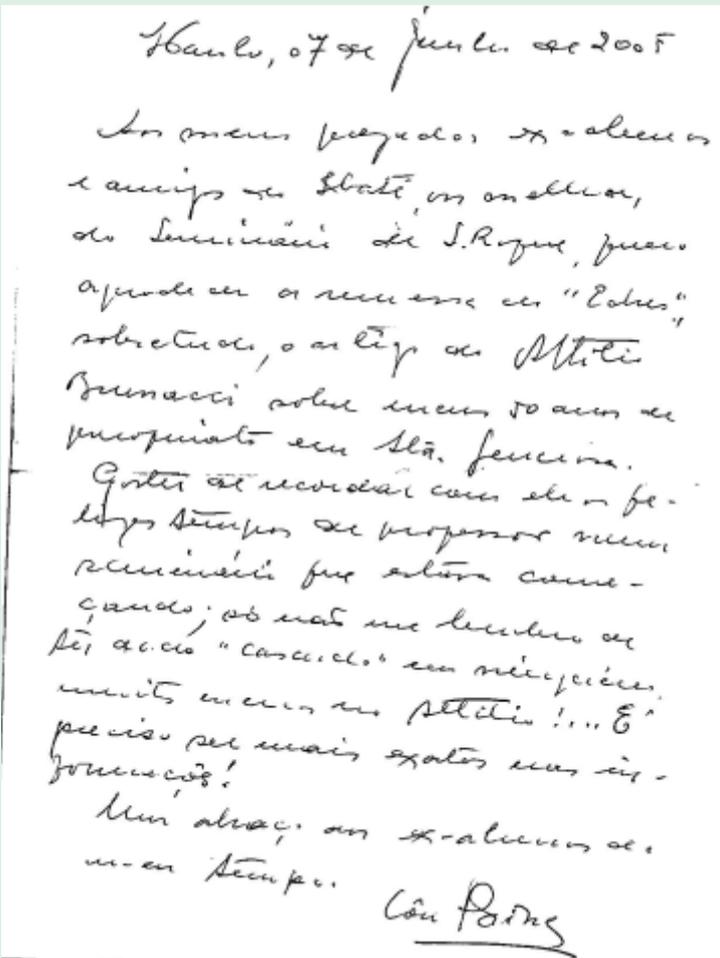
Dado e passado, em publicação no ECHUS, órgão oficial dos eventos do Ibaté, para conhecimento de todos, sendo vedadas alegações do não conhecimento deste evento.

**PREPARE SEU CORAÇÃO QUE MUITAS EMOÇÕES
IRÃO ACONTECER.**

RECORDAÇÕES DO FUNDO DO BAÚ



Attilio Brunacci*



De vez em quando - e cada vez mais frequente - sou acometido de um leve surto de saudosismo. A idade é fogo! Daí que dias desses descobri nos meus guardados uma cartinha datada de 7 de junho de 2005 do Côn. José Mayer Paine, falecido no dia 26 de fevereiro de 2018, aos 96 anos de idade. Por sinal, deixou saudades. Ele foi nosso professor no Seminário Menor de São Roque por apenas um ano, em 1949, sendo o último padre da velha guarda a nos deixar e ir pra Casa do Pai.

Motivo da sua cartinha: ele se referia a um artigo que escrevi pro Echus do Ibaté, nº 78, março/abril de 2005; um artigo em homenagem a ele pelos seus cinquenta anos como pároco na paróquia Santa Generosa, em São Paulo. Aliás, nessa igreja, ele exerceu as atividades pastorais por sessenta e quatro anos!

Aquele meu artigo pro Echus tinha o título: “Alô, Padre Paine, aquele abraço.” Descrevia e destacava tópicos da convivência desse jovem padre entre nós naquele longínquo 1949. Por exemplo: escrevi que ele ensinava as primeiras regras do latim pros novatos ou que tentava ensaiar músicas religiosas num harmônio capenga. Eu dizia também que ele era buliçoso, mexendo com eletricidade e com fiação elétrica por conta própria. Quando não, era louco por uma partida de voleibol, esporte no qual se revelava um exímio fracassado.

Até aí, tudo bem. Aquela sua cartinha era dirigida aos seus “prezados ex-alunos e amigos”, e agradecia tanto à

remessa do Echus quanto ao meu artigo pela homenagem a ele prestada pelas bodas de ouro do “paroquiato”. No final da carta ele escreveu que gostou de eu ter recordado aqueles “felizes tempos” num seminário que estava começando, mas, educadamente, não perdeu a oportunidade de me dar “puxão de orelha”! Disse ele ipsis litteris: “...só não me lembro de ter dado cascudo em ninguém, muito menos no Attilio. É preciso ser mais exato nas informações!”

Por que isso? Acontece que, na convivência diária com ele, nós, os “menores”, no lugar de falar e chamá-lo de Padre Paine, costumávamos falar “Papaíne”; era mais fácil. Desse modo, todas as vezes em que a gente estava com ele no recreio, o tratamento era um respeitoso “Papaíne”. “A bênção, Papaíne”, por exemplo. Resultado: um cascudo. Um cascudo?

Confesso que exagerei no registro desse fato histórico; Côn.Paine teve razão. Não era um cascudo; acho que era uns petelecos. Ou uns piparotes? Gestos paternos mais suaves e carinhosos. Era o ano de 1949.

Asua bênção, Côn. José Mayer Paine!
Nestes primeiros dias de 2019, ao referir-me ao ano de 1949, uma segunda recordação do baú: o Seminário do



Ibaté está completando 70 anos, inaugurado no dia 25 de março de 1949 com o objetivo de formar padres. Formou muitos padres, é verdade, mas formou também um número sem-contas de cidadãos que se orgulharam e ainda hoje se orgulham de ter passado pelo sempre lembrado Seminário Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria.

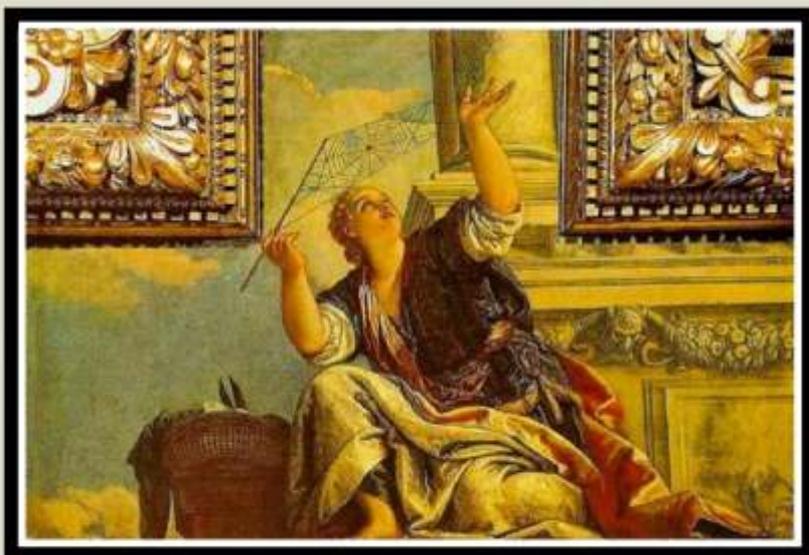
Então, vamos comemorar.

No dia 24 de agosto de 2019 será o nosso 14º Encontro de Ex-Alunos, uma oportunidade de também celebrar esse septuagenário fato. O tema desse encontro é a PARTILHA, um estímulo para estarmos presentes e compartilhar a celebração eucarística e o convívio das velhas amizades.



Dia da Inauguração do Seminário Menor de São Roque - 25.03.1949

(*) Attilio Brunacci, 82 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente pelo Trabalho" e "Cetesb": 25 anos". Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com



ARACHNE or DIALETICS Paulo Veronese, 1520

TECELÃ

Nas manhãs de todos os dias
a aranha tecedeira
encorpa os fios de seda
e os brilhos de sol.
Aracne, bela tecelã,
estende fios na teia do destino
e ata as pontas do novelo da vida.
Prendo-me na malha desses fios
E me abismo na beleza dessa trama.

Valdevino Soares de Oliveira, 59-63



Os cinco anos (1955-1959) da adolescência passados nos silêncios verdes do Seminário do Imaculado Coração de Maria, no bairro do Ibaté, em São Roque/SP, foram, sem sombra de dúvida, dos mais marcantes de minha vida. E foram especialmente marcantes no aspecto da Literatura.

Foi o que relembrei agora que finalizo, junto com outros membros da Associação de Poetas e Escritores da Garça (APEG), a programação da premiação dos participantes do VII Concurso APEG de Literatura. Se existe em 2018 a APEG e seu Concurso é porque existiu, 60 anos atrás, o Grêmio Literário e o seu Concurso de Cadeiras, dos quais me veio sempre a inspiração para criar essas iniciativas.

E antes do Grêmio, participei também de Círculos Literários, onde aprendíamos os primeiros passos para as Belas-Letras, a desembocar depois no rio caudaloso e mais profundo do Grêmio. Mensalmente o Grêmio Literário Pio XII se reunia sob a batuta do Padre Pascoal Amato, nosso professor de Literatura, e bom escritor de Diário ele mesmo, como demonstraram suas páginas sobre viagem feita por ele em país da Europa.

Mutatis mutandis, a reunião mensal da APEG me lembra sempre a reunião mensal do Grêmio Pio XII no Seminário do Ibaté. E como a cada ano havia também o Concurso das Cadeiras para os alunos interessados em escrever poesia ou prosa, e concorrer entre si para a premiação na época, assim hoje, a partir de 2012, realiza-se, com as escolas da cidade de Garça, o Concurso APEG de Literatura.

Jamais esquecerei minha participação no Concurso das Cadeiras por pelo menos duas vezes. Eram temas livres, e tenho de um deles, o sério texto de crítica sobre meu trabalho literário, escrito pelo inesquecível companheiro o poeta Nazareth dos Reis, hoje na Casa

do Pai, e guardado por mim como uma relíquia.

Poderiam lembrar essas peças críticas do Seminário, as palavras de nossa competente selecionadora dos textos do Concurso APEG de Literatura (a Profª Vera Sganzela), a finalizar com uma crítica inteligente e curta os textos a ser premiados a cada ano. Certamente os alunos premiados com suas observações escritas no alto do texto haverão de conservá-las como preciosidades estimulantes.



Na APEG de hoje, como no Grêmio Literário de outrora, existe a premiação. Recordo que parte da premiação era a divulgação do texto selecionado em nosso jornalzinho interno “Ecos da Tribuna”. Meu Deus, ter o texto premiado nas páginas do “Ecos” era uma glória! Hoje, na APEG, a premiação é mais sofisticada e varia. Como aconteceu, por exemplo, em 28.10.2018, quando os escolhidos receberam dinheiro, além de medalhas, e mais livros de recordação, e mais uma foto coletiva, e finalmente a publicação dos textos premiados em jornal local e no livro “Pequenos Escritores”, organizado pela APEG, além da divulgação dos textos pela internet para que o mundo inteiro lhes aprecie a arte literária.

A premiação de hoje é bem mais completa que a de ontem; afinal os tempos e a tecnologia permitem. A semente, porém, do Concurso APEG de Literatura está sempre germinando em meu coração de membro da APEG desde os longínquos dias da adolescência no Seminário do Ibaté.

O Concurso de hoje não seria uma espécie de eco maravilhoso daqueles tempos a frutificar na modernidade? Talvez, daqui a 50 anos, alguns meninos e meninas de Garça, premiados hoje, perpetuem na posteridade a boa semente da arte literária. Tomara!

(* Letterio Santoro, 79 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO, CRÔNICA DO CIDADÃO... Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

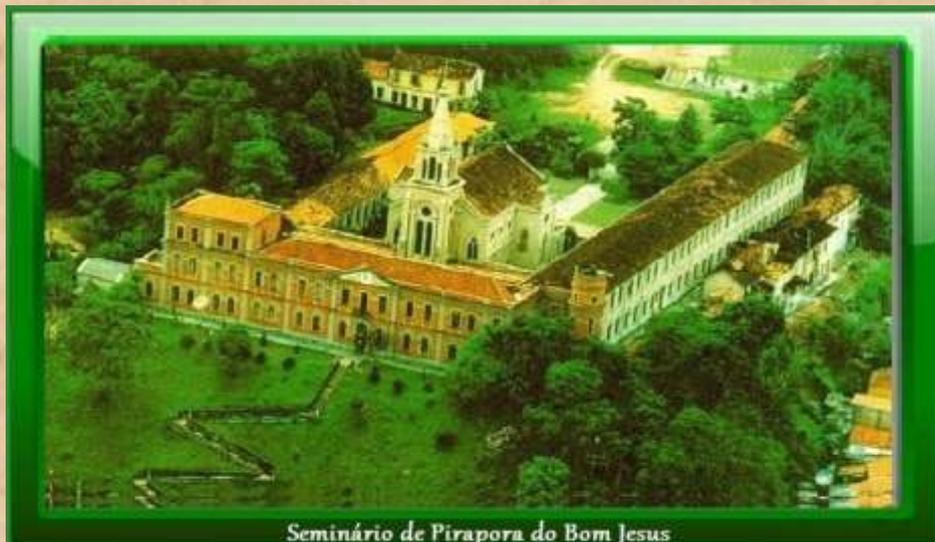
NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 20.12.2018 aos 71 anos de idade o Ibateano HÉLIO RODRIGUES (60). Morava em Salto-SP e era um dos mais atuantes atores saltenses. Suas atuações memoráveis em inúmeras peças teatrais deixarão saudades na população saltense.



Pirapora Matrix

CAPÍTULO IV



SEMINÁRIO DE PIRAPORA

uma das glórias na formação do clero paulista e brasileiro.

por ANTÔNIO JURANDYR AMADI¹

A - HISTÓRIA

Em 6 de outubro de 1894, o Sumo Pontífice, Leão XIII, solicitava às Abadias Premonstratenses européias que enviassem religiosos para o Brasil. Coincidindo com esse apelo, o então bispo diocesano de São Paulo, D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, encarecia junto à Abadia Premonstratense de Averbode, na Bélgica, que colaborasse com o envio de religiosos para a sua vasta diocese.

Após convênio assinado entre Santa Sé, Premonstratenses e Diocese de São Paulo, o abade de Averbode, D. Gummaro Crets enviou seus dois primeiros religiosos, com destino a Pirapora: Cônegos Vicente van Tongel e Rafael Goris. O contrato fazia, outrossim, doação de terras para que ali se estabelecessem. Os dois pioneiros chegaram a Pirapora no dia 26 de dezembro de 1896.

Em 28 de dezembro de 1897, D. Arcoverde nomeava o Cônego Vicente van Tongel como primeiro vigário de Pirapora. O desejo dos premonstratenses, desde os primórdios, era o de construir seu seminário nas terras cedidas pelo bispado. Efetivamente, em 3 de maio de 1897, iniciaram-se as aberturas de alicerces e, a 14 de junho desse mesmo ano, era lançada a primeira pedra.

Em 14 de maio de 1898, iniciaram-se as matrículas com seus dois únicos alunos inscritos: Benedito de Sant'Ana (de São Paulo) e José F. Fontana (de Ribeirão Preto). A casa paroquial, próxima ao Santuário, funcionava como moradia dos cônegos e dos alunos, e seus aposentos eram as salas de aula. Só em setembro de 1899, cônegos e alunos se transferiram para o prédio parcialmente construído no alto da colina.

Ano após ano, melhoravam e aumentavam as instalações do Seminário e o número de alunos matriculados. Em 1905, mediante acordo com o bispado paulista, cento e vinte e nove alunos do Seminário Menor de São Paulo eram transferidos para Pirapora e, em 9 de julho de 1908, por determinação do então Arcebispo Metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, o Seminário de Pirapora era transformado em Metropolitano, atendendo as dioceses sufragâneas de Campinas, Taubaté, Botucatu, São

Carlos e Ribeirão Preto. Com o tempo, outras dioceses se beneficiaram também dos préstimos de Pirapora: Santos, Rio de Janeiro, Sorocaba, Bragança Paulista...²

Em 5 de março de 1911 ordenava-se sacerdote o primeiro seminarista piraporano: Venerando Nalini.

Com a administração de D. Duarte, o Seminário de Pirapora atingia o ápice de seu esplendor que permaneceu até 1948, quando os premonstratenses encerraram o contrato com a Arquidiocese paulista, face à pouca atenção que esta lhes dava no cumprimento de suas responsabilidades e compromissos econômico-financeiros ajustados com a Ordem. Durante anos e anos, levadas e mais levadas de premonstratenses eram destinados ao magistério e formação dos seminaristas da Arquidiocese de São Paulo, sem quase retorno algum para a Ordem.

Com o término do contrato iniciou-se então a fase exclusivamente premonstratense que, em virtude das alterações sociais, e de formação dos seminaristas menores no período posterior à Segunda Guerra Mundial, o Seminário de Pirapora acabou encerrando suas atividades em 1973, inclusive pelas poucas e raras vocações.



¹ Antônio Jurandy Amadi - Engenheiro e Pesquisador. Ex-aluno dos Seminários de Pirapora (turma de 1948) e de São Roque (1951/57)

B - A VIDA NO SEMINÁRIO

1. ORGANIZAÇÃO INTERNA

1.1 - dos religiosos - Administração era composta de:

- * Reitor - autoridade máxima da casa e vigário da Paróquia do Bom Jesus.
- * Vice Reitor - substituiu o reitor em sua ausência ou impedimentos.
- * Padre-Mestre - era responsável pela disciplina nos recreios, dormitórios, salão de estudo, onde permanecia em patamar mais elevado.
- * Diretor Espiritual - era o responsável pela orientação vocacional e espiritual dos alunos. Mensalmente, cada aluno era convocado para entrevista.
- * Padre Ecônomo - era o responsável pela guarda e controle do dinheiro do Seminário e dos alunos e pelo controle do material escolar.
- * Professores - eram os cônegos e irmãos premonstratenses.
- * Irmãos leigos - Além de alguns exercerem o magistério, outros se incumbiam de tarefas como marcenaria, carpintaria, horta, sapataria, padaria, motorista, cocheira...
- * Apóstolas do Coração de Jesus e depois a Congregação Filhas da Cruz - dirigiam os trabalhos domésticos na parte destinada aos alunos, a limpeza da capela, a farmácia ...



1.2 - dos alunos

Turmas - os seminaristas eram divididos em turmas (menores, grandes e maiores) que levavam em conta três variáveis: tamanho, idade e ano escolar. Possuíam recreios distintos e, por norma disciplinar, não podiam misturar-se nem contatar-se entre si. Era proibida a comunicação. Cada pátio tinha um patrono:

- * pátio dos menores: São Luiz Gonzaga
- * pátio dos grandes: São João Batista
- * pátio dos maiores: São João Vianney

Fiscal - era um aluno escolhido pelo Padre-Mestre em cada uma das turmas, para ajudá-lo na disciplina dos dormitórios, salão de estudos, recreios...

2. ENTIDADES INTERNAS

Todos tinham sua diretoria específica eleita anualmente, com as responsabilidades inerentes

2.1 - literárias

Círculo Juvenil Menino Jesus - para os menores e grandes. Até 1936, chamava-se Associação Santa Infância.

Grêmio Literário e Científico Santo Hernan José - para os maiores. Tinha distintivo próprio. Sua Diretoria era composta de Presidente, Orador Oficial, críticos literários e um padre. O Grêmio tinha uma Academia de Letras, cujas cátedras eram ocupadas por sócios que as disputavam através de trabalhos literários. Os patronos das cadeiras (com variações óbvias, conforme a época) eram:

- Venerável Pe. José de Anchieta
- S. Silvério Gomes Pimenta
- Frei Francisco de Monte Alverne
- Gonçalves Dias
- Pe. José de Santa Rita Durão / Jackson de Figueiredo
- Casemiro de Abreu / Rui Barbosa
- Pe. Manuel Bernardes
- D. Duarte Leopoldo e Silva
- D. Aquino Correia
- D. Antônio de Macedo Costa

2.2 - religiosas

Cruzada Eucarística - só para os menores. Tinha distintivo próprio.

Congregação Mariana - para todos.

Apostolado da Oração - optativo.

Obra das Vocações - optativo.

Ordem Terceira de São Norberto - optativa. Fornecia ao sócio um escapulário branco e um manual

2.3 - outras atribuições - Havia ainda internamente outras atribuições para os alunos, algumas feitas em rodízio durante o ano: barbeiro, sapateiro, enfermeiro, sacristão, sineiro, ajudante de missa, responsável pela doçaria, responsável pela biblioteca, leitor (durante as refeições), cronista da casa.

Obs. Havia ainda uma orquestra e a Banda Santa Cecília (Furiosa), composta de alunos, sob a regência dos mestres (Côn. Lino) ou do maestro José Correa da Silva (Juca Bolinha). Sua finalidade era abrilhantar as festas e outros eventos do Seminário.

²Utilizaram-se também do Seminário de Pirapora, as dioceses de Jabuticabal, Barra do Piraí, as Ordens Carmelita e Beneditina, a Congregação de Nossa Senhora de Sião e a Abadia belga de Parc

3. CURIOSIDADES

3.1 - ano letivo - Cada aluno, ao entrar no Seminário, recebia um número para marcar e identificar todos os seus pertences. As aulas se iniciavam no começo de fevereiro. Durante o carnaval, havia sempre um retiro espiritual de três dias pregado por missionário passionista ou franciscano. Fazia-se ainda em cada mês do ano um dia de retiro. Em dezembro, proclamavam-se as notas e, a partir do dia 28, os alunos entravam em gozo de férias junto aos familiares. Nas férias do meio do ano, ou se permanecia no Seminário ou ia-se para Itanhaém (até 1942).

3.2 - currículo escolar - As matérias ensinadas no Seminário Menor eram as seguintes:

APOLOGÉTICA	HISTÓRIA SAGRADA
CALIGRAFIA	HISTÓRIA UNIVERSAL
CATECISMO	INGLÊS
COSMOGRAFIA	ITALIANO
FÍSICA	LATIM
FRANCÊS	MATEMÁTICA
GEOGRAFIA	MÚSICA E CANTO GREGORIANO
GREGO	PORTUGUÊS (GRAMÁTICA,
HISTÓRIA DO BRASIL	LITERATURA, PORTUGUÊS
HISTÓRIA DA IGREJA	HISTÓRICO) E
HISTÓRIA NATURAL	QUÍMICA

Obs. No início do Seminário, o curso compreendia o ensino primário e o curso de humanidades (três anos de ginásio e dois de colegial). Houve um período em que o segundo ano colegial foi suprimido, sendo restabelecido em 1919. A partir de 1942, o curso compreendia: preparatório, quatro anos de ginásio e dois de colegial.

3.3 - rotina diária - Um dia normal obedecia à seguinte rotina:

05:30 hs - Levantar	Estudo
Oração da manhã	Aula
Meditação	Aula
Missas	Café
Café da manhã	Recreio
Ginástica	Reza do terço
Recreio	Bênção do Santíssimo
Estudo	Estudo
Aula	Recreio
Aula	17:30 hs - Jantar
Recreio	Recreio
Aula	Estudo
Recreio	Recreio
12:00 hs - Almoço	Oração da noite
Recreio	21:00 hs - Recolhimento



Obs.: O almoço era feito em silêncio. Apenas o leitor semanal lia romances, cujo desfecho era sempre ansiosamente esperado com nos capítulos das atuais novelas. Autores costumeiramente lidos: Júlio Verne, Karl May ... O jantar seguia a mesma rotina, sendo que a leitura se encerrava religiosamente com o Martirologio Romano. Nos dias de festa, domingos e feriados, ou quando de visita episcopal, era-nos dado na refeição o “Benedicamus Domino”, a que respondíamos “Deo gratias”, liberando-nos a conversa.

Durante os recreios mais prolongados, tinha-se como brincadeiras: pingue-pongue, vôlei, guerra com bola, briga-de-galo (não era rinha) e outras ocupações como fazer santinho de papel vegetal ou fazer terço para ajudar as missões.

O Moço de Caráter, A Imitação de Cristo, o Tesouro da Juventude, as aventuras de Júlio Verne e de Karl May eram livros indefectivamente lidos pelos alunos.

3.4 - rotina das quintas-feiras e feriados - Passeio pela manhã, recreios mais longos, com partidas de futebol e estudo livre à tarde.

3.5 - rotina dos domingos - Missa solene às 10:00 horas. Dia de receber visitas dos familiares uma vez por mês. Recreios mais longos com partidas de futebol. Era permitido conversar durante o almoço e janta. Estudo livre. À tarde, Bênção do Santíssimo. No domingo, havia sessão do Grêmio e do Círculo.

3.6 - os passeios de quinta-feira - Nas quintas-feiras, sob a orientação e vigilância de um dos padres, saía-se em passeio a pé pelos arredores de Pirapora ou localidades vizinhas como Santana de Parnaíba, Araçariгуama, Aparecidinha, Usina do Rasgão, Ivaturuna, Morro da Cruz, Maria Pretinha, Missé, Caixa d’Água, caminho de Jundiáí ...

3.7 - gírias internas - Eram palavras ou expressões, algumas delas importadas, outras criadas internamente. Algumas gírias: abocachar - pegar sorratamente, sobretudo fatias de pão.
amizade particular - interesse um tanto exagerado por determinado colega.
anjo - aluno que recebia um novato e o orientava nos primeiros dias de Seminário.
arrepiar - deixar o Seminário.
bicanca: fatia de pão.

bodera: tristeza. Domingo era dia de bodera.

cavaco - aula inaugural (lectio brevis), sobretudo para ler e explicar os regulamentos do Seminário, no começo do ano letivo.

chanca - chuteira

fumaça - hora certa para fumar e em local separado.

gaizudo - aluno que tinha proteção superior.

moringar - enrubecer.

panta rei - disenteria que grassava em certas ocasiões, provocada pela comida que, face ao calor e inexistência de equipamentos de preservação frigorífica, entrava em processo de deterioração.

penosa - estudante de modos afetados e efeminados.

pipoca - mulher.

pomba-vida - expressão corriqueira para evitar outra menos boa.

queridinho - aluno privilegiado por algum mestre.

rachar lenha - convite para comer sorrateiramente alguma iguaria trazida pelas visitas e impossível de divisão com todos.

ter gás - ter a proteção de um superior.

3.8 - boletim de notas e proclamação de notas

3.8.1 - boletins de notas - Era colorido e, pela cor, se retratava o aproveitamento escolar e, sobretudo, o desempenho disciplinar do aluno:

* rosa: ótimo

* branco: bom

* verde: regular

* amarelo: mau

* preto: péssimo (dois boletins pretos levavam à expulsão)

3.8.2 - proclamação de notas - Trimestralmente, as notas de cada aluno eram solenemente proclamadas no salão de estudos, com comentários, incentivos ou reprimendas.

3.9 - ensaios de teatro, banda ou coral - Eram normalmente efetuados durante o último recreio, após o jantar, por ser o mais longo.

3.10 - programa de festividades - Nas festas maiores, os alunos eram despertados não pelo costureiro "Benedicamus Domino" do Padre-Mestre, mas com uma alvorada, pela Banda Santa Cecília.

3.11 - Exemplo de alguns programas de festejos (transcrição)

3.11.1 - FESTA EM HORA DE SÃO NORBERTO (julho de 1935)

Com a assistência de suas Excelências Reverendíssimas D. Duarte Leopoldo e Silva (Arcebispo de São Paulo), D. José Carlos de Aguirre (Bispo de Sorocaba), D. Paulo de Tarso Campos (Bispo de Santos), D. José Gaspar de Afonseca e Silva (Bispo Auxiliar de São Paulo) e de ilustres membros do clero.

PROGRAMA

Dia 17 de julho

* Pela tarde - Recepção de suas Excias. Revmas. E dos ilustres convidados.

* Às 17:00 hs - Da Igreja do Seminário, sairá para a Vila a procissão com a Imagem de São Norberto. À entrada, haverá Bênção solene do Santíssimo no Santuário do Senhor Bom Jesus.

* Às 19:00 hs - Iluminação nos pátios do Seminário.

* Dia 18 de julho

* Às 5 e meia - Alvorada pela filarmônica "Santa Cecília".

* Às 11 horas - Missa solene pontifical pelo Exmo. e Revmo. Sr. D. Paulo de Tarso Campos, primeiro aluno deste Seminário elevado ao Episcopado. Fará o panegírico de São Norberto o Rev. Padre Francisco Jorge do Amaral, DD. Lente do Seminário Central do Ipiranga.

* Às 17 horas e meia - Sessão dramático-musical, no salão de festas do Seminário.

SESSÃO DRAMÁTICO-MUSICAL

* O Barbeiro de Sevilha, G. Rossini, sinfonia pela orquestra.

* Canto de Saudação, pela Schola Cantorum.

* Prólogo do drama "O ingrato".

* Entreato: Il trovatore, G. Verdi, sinfonia, arranjo de Oscar Freitas, pela orquestra.

* 2o. ato do drama

* Entreatos: O luar do sertão, canção sertaneja de Catulo Cearense.

* Festa in campagna, de N.N., fantasia, arranjo do Sr. José Correa da Silva, pela orquestra.

* 3o. ato do drama

* Entreato: Il trovatore, G. Verdi, fantasia, arranjo de L. Statsny, pela orquestra.

* 4o. ato do drama

* INTERVALO (7 minutos)

* O palhaço, canção, por Geraldo Paulino da Silveira

* Farsa relâmpago "Thomé".



3.11.2- FESTA DE HOMENAGEM (11 de outubro de 1947)

Dedicada aos Revmos. Cônegos e Revmos. Irmãos, em particular ao Revmo. Côn. Mateus Dirix.

PROGRAMA

- * Rosário, fantasia pela banda.
- * Hino Nacional, por um grupo de seminaristas.
- * O Palhaço, poesia pelo sr. Darcy Corazza.
- * 1o. ato do drama: A FAMÍLIA DO PALHAÇO
- * Entreato: O Palhaço, canto pelo Seminarista Antônio Leite, letra do Sr. Antônio Paulino da Silveira.
- * 2o. ato do drama
- * Entreato: No Circo, poesia pelo seminarista Josué da Silva Leite.
- * 3o. ato do drama
- * Entreato: Romeu, o Palhaço, canto pelo Seminarista José Mazzucato.
- * 4o. ato do drama
- * Entreato: O Filho do Palhaço, poesia pelo Seminarista Paulo Bordini.
- * 5o. ato do drama
- * Entreato: O Fotógrafo, cançoneta pelo Seminarista Alfredo Barbieri.
- * Saudades de São Paulo, recitativo pelo Seminarista Antônio Leite.
- * Bodega do Jacó, vaudeville em um ato.
- * Festosa, fantasia original pela banda.
- * Ponto: Antônio Munari dos Santos.

3.11.3 - SESSÃO MAGNA DO GRÊMIO (27 DE ABRIL DE 1932)

Em homenagem ao seu glorioso orago e por ocasião da tomada de posse da nova diretoria

PROGRAMA

- * Natal, fantasia, composição do Maestro José Correia da Silva, dedicada ao Diretor do Grêmio. Executada pela banda.
- * Bênção e entrega dos distintivos.
- * Discurso pelo Sr. Orador Oficial do Grêmio.
- * Hino do Grêmio
- * JOSIAS, O GUARDA-COSTA, DRAMA EM TRÊS ATOS
- * Primeiro ato do drama
- * Entreatos: Il Guarani, ilustrazione, E. Becucci, op.20, pelo Sr. Waldemar Santos.
- * Canção para inglês ver, canto por Benedito Diniz.
- * Segundo ato do drama
- * Entreato, Saudade, valsa, música do Sr. Dr. Joaquim Barbosa de Almeida, pela orquestra.
- * Terceiro ato do drama
- * Saudades de Jundiá, valsa, música de M. Petroni, pela orquestra.
- * A, E, I, O, U, canto por um grupo de alunos.
- * Satan, esboço dramático, pelos Srs. Benedito Diniz, João Ribeiro e Amintas Siqueira.
- * Fox-trot de las campanas, de V.P. Viladomat, piano pelo Sr. Antônio Barros.
- * Corriguin, corriguin ..., canto pelo grupo regional.
- * Fox-trot, de Zequinha de Abreu, pela Orquestra.
- * O DELEGADO DO INTERIOR DO ESTADO, comédia.
- * Final: Marchinha, de Zequinha de Abreu, pela orquestra.

3.11.4 - SESSÃO DO CÍRCULO JUVENIL MENINO JESUS

(8 de dezembro de 1947) no 40o. ano de sua fundação

PROGRAMA

- * Às 6 hs da manhã, missa com cânticos, executados por um grupo de circulistas.
- * Às 6 hs da tarde, sessão cênico-musical.
- * Guarani, dobrado de Carlos Gomes pela banda. Hino Nacional, por alguns sócios do Círculo.
- * O Papa, diálogo por alguns circulistas.
- * 1o. ato do drama "O milagre do amor".
- * O terrível, monólogo pelo sócio Josué Leite.
- * 2o. ato do drama
- * Pequeno Francês, cançoneta, pelo circulista Mauro Macedo.
- * 3o. ato do drama
- * Hino Pontifício, por um grupo de sócios.
- * 4o. ato do drama
- * Pelo meu aniversário, monólogo pelo circulista Valmir Gomes.
- * 5o. ato do drama
- * Mané Fulô, dueto caipira, pelos Srs. Bibliotecários e 1o. suplente do Círculo.
- * Tenente Chaves, dobrado, pela banda.



3.12 - DATAS IMPORTANTES COMEMORADAS

- * Festa de São Norberto, em 6 de junho, mas comemorada em 6 de julho, com os célebres jogos olímpicos internos.
- * Festa de São Luiz Gonzaga, patrono dos seminaristas, em 21 de junho.
- * Onomástico do Reitor.
- * Quando de visitas ilustres, como Arcebispos, Bispos, Núncio Apostólico, Governador do Estado...
- * Aniversário de tomada de hábito, de profissão religiosa ou de ordenação sacerdotal dos cônegos.
- * Visita de ex-aluno elevado ao Episcopado.
- * Visita de ex-aluno ordenado, para celebração de missa.
- * Exéquias de algum mestre ou irmão leigo.
- * Sessões Magnas do Grêmio.
- * Semana Santa, em todo o esplendor do ritual religioso.

C - PESSOAS ENVOLVIDAS NA ADMINISTRAÇÃO

BISPOS DE SÃO PAULO (1897 A 1948)

- * D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti
- * D. Antônio Cândido de Alvarenga
- * D. José de Camargo Barros
- * D. Duarte Leopoldo e Silva (1o. Arcebispo)
- * D. José Gaspar de Afonseca e Silva
- * D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota (1o. Cardeal)

REITORES DO SEMINÁRIO

- * Côn. Vicente van Tongel (14.06.1897 a 11.01.1920)
- * D. Alderico Lambrechts (13.04.1920 a 27.06.1936) - Abade
- * Côn. Frederico Neefs (29.22.1936 a 12.12.1939)
- * Côn. Valério Campers (13.12.1939 a 17.01.1941)
- * Côn. Henrique van Kasteren (21.01.1941 a 25.08.1942)
- * Côn. Eugênio Avivar y Avivar (.1942 a 08.02.1945)
- * Côn. Raimundo Vercauteren (09.02.1945 a 28.04.1946)
- * Côn. Clemente Leroy (29.04.1946 a 31.12.1948)
- * Côn. Otto van Der Burgt (01.01.1949 a 31.12.1953)*
- * Côn. Roque Lauro Saraiva (01.01.1954 a 31.12.1956)*
- * Côn. Godofredo Chantrain (25.01.1957 a 31.12.1973)*

(* período premonstratense.

ABADES DE AVERBODE (1896 a 2000)

- * D. Gummaro Crets
- * D. Emmanuel Gisquière
- * D. Conrado Stappers
- * D. Udalrico Geniets

D - EX-ALUNOS PIRAPORENSES QUE SE DESTACARAM

EMATIVIDADES LEIGAS OU RELIGIOSAS (ALGUNS):

- * ANTENOR DE AQUINO - Professor
- * ANTÔNIO DOS SANTOS BRITO - Prefeito de Santana de Parnaíba e 1o. Prefeito de Pirapora
- * ANTÔNIO TITO COSTA - Advogado, Prefeito de S. Bernardo do Campo e Deputado Federal
- * FRANCISCO ADAIL MARTINS MOREIRA - Advogado e Desembargador
- * FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO - Professor catedrático
- * o, escritor e acadêmico
- * GERALDO ROBERTO DE SOUZA - Advogado e Desembargador
- * HUDINÍLSON URBANO PRATES - Artista plástico
- * JOÃO PHEENEY DE CAMARGO E SILVA, MONS. Capelão militar da FEB e do Batalhão de Suez
- * JOSÉ DE MELO JUNQUEIRA - Advogado, Desembargador e Secretário de Estado de Assuntos Penitenciários
- * JOSÉ WASTH RODRIGUES - Artista plástico e Pintor
- * LUIZ GONZAGA NOVELLI JR. - Político e Vice-Governador de São Paulo (1948)
- * ORESTES ROSOLIA - Professor
- * OTAVIANO SANTOS LOBO - Advogado e Desembargador
- * PEDRO CLARISMUNDO FORNARI - Professor e Diretor-proprietário das Faculdades Padre Anchieta
- * PHELIPPE MOSCHINI - Professor e Escritor



EX-ALUNOS PIRAPORANOS ELEVADOS AO EPISCOPADO

CARDEAL ARCEBISPO

D. Geraldo Majella Agnelo (Salvador-BA)

ARCEBISPOS

- * D. Antônio Maria Alves de Siqueira (Campinas - SP)
- * D. Benedito Ulhoa Vieira (Uberaba - MG)
- * D. Geraldo Magela de Castro (Montes Claros - MG)
- * D. José Newton de Almeida Batista (Brasília - DF)
- * D. Paulo de Tarso Campos (Campinas - SP)
- * D. Romeu Alberti (Ribeirão Preto - SP)
- * D. Vicente Marchetti Zioni (Botucatu - SP)

BISPOS

- * D. Antônio de Castro Mayer (Campos - RJ)
- * D. Constantino Amstalden (São Carlos - SP)
- * D. Ernesto de Paula (Piracicaba - SP)
- * D. Fernando José Penteado (Jacarezinho - PR)
- * D. Francisco Borges P. do Amaral (Taubaté - SP)
- * D. Francisco Manuel Vieira (Osasco - SP)
- * D. Gabriel Paulino Bueno do Couto (Jundiaí - SP)
- * D. José Fernandes Veloso (Petrópolis - RJ)
- * D. José Lafayette Ferreira Alvares (Bragança Paulista - SP)
- * D. José Varani (Jaboticabal - SP)
- * D. Luiz Gonzaga Peluso (Cachoeiro do Itapemirim - ES)
- * D. Manuel Pestana (Anápolis - GO)
- * D. Paulo Mascarenhas Roxo (Mogi das Cruzes - SP)
- * D. Paulo Rolim Loureiro (Mogi das Cruzes - SP)
- * D. Renato de Pontes (Valença - RJ)

ABADES

- * D. Alberico Lambrechts (Pirapora - SP) - Reitor e Professor
- * D. Bonifácio Hrtmann (Jaú - SP) - Professor
- * D. Sérgio van Der Heiden (Jaú - SP)

F - ALGUMAS VISITAS ILUSTRES

- * D. GUMMARO CRETS - Abade de Averbode (10.07.1899, 21.07.1909 e 31.07.1920).
- * D. JOAQUIM ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI - Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e 1o. da América Latina (21.07.1909).
- * DR. ALTINO ARANTES - Presidente do Est. De São Paulo (25.04.1918).
- * DR. CARDOSO DE ALMEIDA - Secretário da Fazenda do Estado de S.Paulo (25.04.1918).
- * DR. WASHINGTON LUIZ - Prefeito de S.Paulo e depois Presidente do Estado de S.Paulo (25.04.1918 e 02.05.1922).
- * D. BENTO ALOISI MASELLA - Núncio Apostólico (18.07.1927).
- * CEL. FERNANDO PRESTES - Vice-Presidente do Estado de S.Paulo (08.08.1928).
- * D. SEBASTIÃO LEME DA SILVEIRA CINTRA - Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (27.01.1931).
- * D. EMMANUEL GISQUIÈRE - Abade de Averbode (1947)

Todos os Bispos e Arcebispos ex-alunos e todos aqueles cujas dioceses ou arquidioceses utilizaram os préstimos do Seminário de Pirapora.

G - ESTATÍSTICAS

Número de alunos matriculados (1898 a 1973) - **2.717**
Número de ex-alunos ordenados sacerdotes (8,46%) - **230**
Quantidade de ex-alunos elevados ao episcopado - **27**
Alunos que passaram para o Seminário Central (19,14%) - **520**
Ano de maior matrícula em Pirapora - **1934 com 216 alunos**
Turma com maior número de ordenados - **1925/1934**
Período como Seminário Menor Premonstratense: **de 1898 a 1904 e de 1949 a 1973**
Período como Seminário Menor Diocesano e Arquidiocesano: **de 1905 a 1907 e de 1908 a 1948**
Quantidade média de professores residentes - **13**
Quantidade de reitores no período 1898-1973 - **11**
Quantidade de religiosos premonstratenses que passaram por Pirapora (1896 a 1973) - a) **Cônegos: 87** b) **Irmãos: 2**



PHOTANTIQUA



ESQUADRÃO DE 1955

Em pé: José Justo da Silva - Cláudio Giordano - Joel Hirealdo Barbieri - Carlos Domingues Cosso - Algirdo Antônio Bartkevicius (Bixo-Bixo) e Francisco de Melo Lima

Agachados: Armando Barizon - Walter Miguel de Moura (Soldadinho) - Adair Guarnieri - Heládio Bispo do Prado e Darcy Cargnelutti.

(acervo de Carlos Domingues Cosso)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

*Prezado Leitor, ocupe plenamente este espaço. Dê mais vida ao Echus do Ibaté!
Ele é reservado para sua participação.
Envie-nos suas sugestões, comentários e críticas
todos queremos conhecer seu ponto de vista.*

De Herminio Bernasconi (54/60-Central do Ipiranga-) - Um Natal com muita tranquilidade e Esperança, pois Deus assumiu nossa humanidade com suas contradições. Vivemos tempos sombrios e difíceis mas ainda é Natal e uma estrela continua a nos iluminar.....um abraço a todos. Manaus-AM 21.12.2018 herminio35@gmail.com

De Claudio Giordano (51/57) - Caríssimo Mosca: certamente o Natal foi-lhe de Paz e Alegria junto da família. Que o mesmo ocorra agora na passagem para 2019. São meus votos, que torno extensivos aos companheiros todos do Ibaté. Forte abraço. São Paulo-SP, 29.12.2018 claudioliber@gmail.com

De Hermes Pimenta Wernech Machado (55/59) - Caríssimo Mosca, desde fins de agosto fiquei sem contactar emails e computadores e estive desligado da informática; estranho, mas ... aconteceu. Agora, graças a DEUS, voltou tudo ao normal e sem problemas. Morro de sadia inveja de vocês nos encontros e jantares; muitas saudades do IBATÉ. É o ônus de morar muito longe e, como ainda trabalho em colégio, fica difícil ir aos encontros no saudoso seminário. Vi a mensagem de parabéns pelo meu aniversário; muito obrigado; fiquei mais forte para viver. Um abraço aos amigos do antes, do durante e dos pós período de minha vida no seminário. Tenho fotos que me alimentam a saudade. Para você meus agradecimentos com um abraço. Diamantina-MG 09.01.2019 hermeswernech@gmail.com



Paulo Toschi*

Muitas vezes ele foi à nossa casa, seja como ajudante de motorista da Isnard, seja para consertar alguma coisa.

Papai era gerente da oficina da Isnard da Rua Frederico Steidel, lá pelos idos de 1940 e anos seguintes. O Zezinho trabalhava lá. Provavelmente, foi o papai quem o admitiu. Ele morava na rua Herculano de Freitas, perto de nossa casa. Era filho da Tia Laura, uma engomadeira de primeira. Nosso bairro era uma grande família, principalmente por conta da igreja do Divino, centro das atividades locais, principalmente as religiosas, que acabavam tendo maior destaque que as demais. O Zezinho ingressou na Congregação Mariana, onde meu pai era o presidente. Dalí foi parar na Isnard que, digase de passagem, mais parecia um sodalício mariano que loja de departamentos. Trabalhei lá, depois que deixei o seminário. Era “salve maria” pra cá, distintivo no peito pra lá, seção de artigos religiosos tão frequentada quanto o Aldo Bove.

Na Isnard Cine Foto, que era de um primo dos Isnard e dos Villac, mas funcionava dentro da loja da rua 24 de maio, os padres do seminário costumavam ir alugar filmes, para nossas sessões semanais. Foi de lá que trouxeram o filme “Anjinhos de Cara Suja” que, de anjinhos, não tinham nada. Foi a sessão de cinema mais curta que tivemos. Mal começou o filme e os “anjinhos” já estavam se beijando. O padre cobriu a lente com a mão, antes mesmo de desligar a máquina. Fomos todos dormir, sem filme nenhum que seminarista menor pudesse ver.

Mas, o assunto é o Zezinho. Chamava-se José Nascimento. Quando eu cursava o primário na Escola Caetano de Campos, na Praça da República, na parte da tarde, muitas vezes o Zezinho foi dispensado pelo meu pai, mais cedo, para ir me buscar ao final das aulas e me levar para casa. Fazia isto de boa vontade, pois acabava deixando o serviço um pouco mais cedo. O Zezinho virou eletricista.

Quando o seminário foi inaugurado, há 70 anos atrás, nós chegamos e nem tudo estava pronto. O prédio ainda tinha apenas a metade, faltando toda a ala da atual capela, do

estudão, do palco no andar de baixo, bem como das salas de aula. A capela provisória ficava no andar de cima, no lugar onde, posteriormente, foi o dormitório dos grandes. Havia um buracão, no local onde seria feita a construção do restante do prédio, e o Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida determinou que fosse utilizado como campinho de futebol dos meninos do admissão. Éramos uns privilegiados, protegidos pelo Reitor que, dentre outras regalias, nos dava as aulas de catecismo no bosque que existiu onde, muitos anos mais tarde, fizeram uma extensão do prédio principal. A sala de aulas do admissão era no porão, tendo uma porta

que dava para os caramanchões que antecediam o encantador bosque, com seu riozinho, suas árvores e seus pássaros. Mas, nem tudo eram delícias, naquele 1949.

Já a chegada ao seminário foi para mim desconcertante. Mal descemos do ônibus e um padre alto, magro e careca, narigudo, usando um apito, nos fez entrar em fila. E cortou logo nossa euforia, anunciando que iríamos frequentar o Admissão e não o Primeiro Ano. Alguém tentou protestar, creio que foi o Ari Joly, que tinha sido coroinha daquele padre na igreja de Santo Amaro, e que, como eu, havia feito prova no Seminarinho do Padre João Pavesio, com a promessa de que, passando nela, iríamos começar no Primeiro Ano e não no Admissão. Eu fui aprovado e o Joly também. Outros, eu não sei, pois só me lembro de ter conhecido o Ari, lá na Rua Albuquerque Lins, em São Paulo. O Padre mandou o reclamante ficar quieto e nos encaminhou para irmos levar nossas malas para

o dormitório, onde teríamos um armário na parede e uma pequena cômoda ao lado da cama que escolhemos. Os menores tinham que ocupar uma ala do dormitório, separados dos médios e dos grandes. Sim, no primeiro momento de nossa chegada, fiquei sabendo que eu seria um menor. Fiquei sabendo, também, o que isto significava. Não podia bater papo com os médios nem com os grandes. Eles, em nossa chegada, estavam num outro canto do pátio, longe de nós. Até sermos promovidos a outra recreação, teríamos que ficar sem ter contato com eles, em nossa permanência em São Roque que, naquela época, ninguém chamava de Ibaté. E seríamos conhecidos pelo número, aquele que minha mãe havia pregado em todas as minhas roupas e



Paulo Toschi e seu pai em visita ao Seminário

rotulado nos demais objeto de meu uso. Passei a ser o 55. Eu nunca havia me separado de minha família, era uma experiência nova, de certa forma angustiante. Ficar longe de casa, pelo ano todo, com perspectiva de ir para junto dos meus, em férias, somente no final daquele ano, só podendo receber visitas uma vez por mês, tendo que conviver com outros meninos que eu nunca vira, me deixava meio inseguro.

Ainda em São Paulo, ao tomarmos o trem, nos vagões especiais que a Sorocabana havia nos reservado, eu vi meus familiares irem ficando para trás, na plataforma da estação ferroviária, enquanto éramos entregues a uns padres que nunca havíamos visto antes (eu não havia visto, pois alguns privilegiados dos bairros perto da Celso Garcia iam ter como professores padres que haviam sido transferidos das paróquias de onde provinham), para entrar num vagão cheio de meninos desconhecidos, todos de uniforme azul, com uns padres tomando conta, que nem o nome me disseram nem o meu perguntaram. Depois, foi descer numa estação de trem meio sem ninguém,

somente nós, e entrar nuns ônibus a p e r t a d o s , sacolejando numa estrada poeirenta e esburacada, cheia de curvas, chegando, de repente, num prédio de tijolinhos que parecia aqueles jogos da Estrela de montar casinhas, nada semelhante aos conventos de muitos claustros, com religiosos caminhando de cá para lá, rezando o breviário, tal como eu vira em filmes como “Os Sinos de

Santa Maria”, e que, na minha imaginação, seria assim o meu seminário. Confesso que, para mim, foi uma decepção. E os padres não foram muito amistosos, ao nos receber. Nem o Reitor, nem os demais compareceram para nos dar boas-vindas. Pelo menos, para nós menores e novatos, foi assim. Parece que os ônibus de outros alunos pararam na parte frontal do edifício, tendo sido recebidos pelo Reitor, ao subirem a escadaria, como andou contando um de nossos colegas, num artigo que escreveu para o Echus do Ibaté. Nós, os meninos menores, descemos do ônibus no pátio interno e já fomos enfileirados pelo padre narigudo e careca.

Meu primeiro momento de seminário foi decepcionante. O primeiro dia todo, também foi bem sem graça, com novidades seguidas de novidades, mas, sem grandes explicações. Apenas, tínhamos que andar em filas, em silêncio, de cá para lá, e íamos conhecendo coisas e procedimentos inteiramente novos, sem grandes esclarecimentos. Pelo menos foi o que eu senti. Pode ser que outros colegas tenham visto tudo de forma diferente. Para mim, foi como caminhar no desconhecido. Entardeceu,

anoiteceu, e, depois de rezas na capela, fomos, em fila, para o dormitório. Estranho.

Lá em casa, eu estava dormindo no espaço sob a escada que ia do hall do andar de baixo para o hall do andar de cima. A família cresceu, minhas irmãs dormiam num quarto do andar de cima, outras duas bem menores dormiam no quarto de meus pais, na parte de baixo da casa, e eu, único menino, acabei sobrando e dormindo num cantinho improvisado, embaixo da escada, nesse andar inferior da casa. Eu adorava. Foi a oportunidade que tive de ter um cantinho somente meu. E meu tio Ismael tinha deixado ali uma coleção de revistas de histórias policiais, e eu, sem ninguém para me importunar, me dedicava à leitura desses contos que achava bem interessantes.

Agora, ali naquele dormitório cheio de gente, eu me sentia só, isolado, longe de tudo e de todos que me eram caros. Chorei. Estava me amargurando, quando, de repente, notei que havia uns homens no forro do dormitório. O prédio

tinha, ao longo daquele salão, perto das janelas, no teto, umas aberturas protegidas por treliças, por onde era possível se enxergar o que estava além do f o r r o . Normalmente, eu não veria nada, no escuro, mas, notei que havia uns h o m e n s trabalhando lá em cima e estes tinham uma lâmpada acesa, de modo que tudo, lá em cima, estava iluminado.

Comecei a prestar atenção naqueles trabalhadores, que davam os últimos retoques nas instalações elétricas do dormitório, com o que parei de chorar, parei de me lamentar. De repente, olhando melhor, reconheci um dos eletricitas: era o Zezinho, que a Isnard mandara, para terminar o serviço de eletricidade do novo prédio do nosso seminário. Foi como se o meu anjo da guarda tivesse se materializado e eu, que conhecia bem o eletricitista, jubilei-me ao vê-lo ali, bem perto de mim, naquele momento de solidão, embora estivesse num dormitório cheio de meninos e rapazes. Consegui adormecer, bem mais feliz.

No dia seguinte, na hora do recreio, dei um jeito de ir procurar aqueles trabalhadores, para ver de perto o meu anjo da guarda, o Zezinho, uma presença que me era familiar, naquele novo mundo estranho que tanto me intimidara. Como foi bom, como foi reconfortante dizer “oi, Zezinho” e ouvir dele, tão somente, um rápido “oi Paulo, tudo bem?” Foi o suficiente. Eu não estava tão só naquele novo mundo em que estava me sentindo confinado.



Congregação Mariana da Igreja do Divino Espírito Santo da Bela Vista. ZEZINHO está na ponta direita.

(*) Paulo Francisco Toschi, 81 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA” paulofranciscotoschi@yahoo.com

Fino, hein?



Luiz Loureiro*

Todo dia, bem cedo, ainda no escuro, vou dar uma volta no parque.

Dia destes, ouvi um zum-zum-zum atrás de um bambuzal enorme. Hoje, ouvi de novo, a curiosidade bateu e fui ver do que se tratava.

Só deu para escutar o barulho de algo correndo, arisco, mas não vi nada. Fiquei intrigado. Fui chegando devagarinho, então apareceu uma luzinha vermelha tremeluzindo e ouvi um sussurro:

-- Psiu, psiu! Olá meu camarada! Sou eu.

-- Eu quem?

-- Eu, ué, o Saci Pererê.

Tá de gozação, pensei, mas daí me toquei que a luzinha vermelha bruxuleante nada mais era do que a brasa do cachimbo do perneta.

-- Mas Saci não existe, é alguma pegadinha?

-- Como num existo se tô aqui?

-- Então se mostra.

Daí ele botou a cabecinha para fora do bambuzal e apareceu de capuz vermelho e pito na boca:

-- E aí cumpade, vâmo levá um papo?

Confesso que fiquei assustado, mas o Saci era muito esperto e envolvente e começamos uma conversa maluca onde ele falava da natureza, de culinária e até de política. O cara estava atualizadíssimo.

Essa conversa durou bem uns 3 ou 4 dias, até que hoje o Saci, muito ousado, me disse:



-- Sabe cumpade, tô precisando te pedi um favô.

-- Diga.

-- É que já tô na 20ª geração de sacis e minha aparência continua a mesma. Tô muito fora de moda. Então, eu tava pensando em

conseguir um tênis Nike. Cê sabe que eu num tenho como entrá numa loja pra comprá. Imagina o susto. Será que cê não me quebraria esse galho?

Não falei que o Saci era ousado? Mas ponderei e achei que ele tinha razão. Só que um Nike custa uma nota e, pior, ele só iria usar um pé. Fazer o quê com o outro?

Pensei em comprar um par usado, pela metade do preço, o que, na prática, seria o mesmo que comprar só um pé novo, como se isso fosse possível. Achei um par num brechó e descartei o pé que estava furado.

E o Saci ainda me pediu um tênis vermelho, para combinar com a touca. Fino o Saci, hein?

Daí fui levar o tênis pro danado. Ele não estava lá, então deixei o pacote escondido no bambuzal.

Na minha andança no dia seguinte encontrei o cara todo emburrado e perguntei o porquê.

-- Pô, meu, tá de sacanagem? Esse tênis não serve.

Eu sô saci canhoto de perna!

É que eu tinha levado um pé direito. E eu lá ia saber?

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 69 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP. Atualmente dedica-se às letras e é autor do livro HISTÓRIAS DE HUMOR PARA QUEM ESTÁ DE BEM COM A VIDA-OU QUER FICAR, Editora Claridade. loureiroefabiana@gmail.com

IBATÉ NA SÃO SILVESTRE

Repetindo os feitos de anos anteriores, mais uma vez, nosso colega **ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO (67/68)**, o nosso Sherlock Holmes, participou da **94ª CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE**, tradicional prova paulistana realizada no último dia 31 de dezembro de 2018.

Nosso colega, representando a Turma do Ibaté, alcançou a 9057ª posição entre os mais de 40.000 inscritos e, na sua faixa de idade, 60 a 64 anos, alcançou a 523ª posição, percorrendo os 15 km em (tempo corrigido) de 1:47:35 hora.

Desempenho do nosso colega nas últimas 8 edições da SÃO SILVESTRE:

ANO	POSIÇÃO	FAIXA ETÁRIA	POSIÇÃO	TEMPO-HS
2011	6.700	55/59	398	1:29:05
2012	7.795	55/59	493	1:35:01
2013	10.077	55/59	652	1:39:04
2014	6.620	60/64	290	1:34:19
2015	4.460	60/64	196	1:29:50
2016	6.126	60/64	307	1:40:52
2017	4.444	60/64	189	1:27:48
2018	9.057	60/64	523	1:47:35



Parabéns, mais uma vez ao **SIMÕES** que com sua felicidade e entusiasmo nos proporciona muitas alegrias.

PARÓQUIA DAS TROVAS

Devo eu estar contente?
Acabou nosso calvário?
Bolsonaro é presidente
e o Luiz, presidiário!

Será que o mundo mudou?
De esquerda é ser progressista?
Será que o povo endoidou?
Retrocesso é conquista?

Antônio Jurandyr Amadi (Kiro/Engenheiro) (51/57)

Ano Novo! Para frente.
O que passou não importa,
só vale agora o presente,
o que foi é letra morta.

Carnaval é alegria?
Não creio que o seja não.
Carnaval é euforia,
perigosa empolgação.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Meu amigo dou-lhe um toque:
Você não pode esquecer
este ano tem São Roque
você deve aparecer.

Na primeira sexta-feira
de cada mês, nós nos vemos
e esquecemos a canseira
somente alegria temos.

Alfredo Barbieri (49/53)

Achei que escrevia bem
fazendo ode e canção
esperava nota cem,
não me deram nem tostão.

Escute aqui, criatura,
das sete artes modernas
só e tão somente a pintura
teve lugar nas cavernas.

Valdevino Soares de Oliveira (59/63)

Já fui um lépido coelho.
Mas o tempo, esse verdugo,
De tanto descer-me o relho
tornou-me um vil "tartarugo"...

Numa árvore caída
pela motosserra insana,
jazem, num ninho, sem vida,
frutos da cobiça humana.

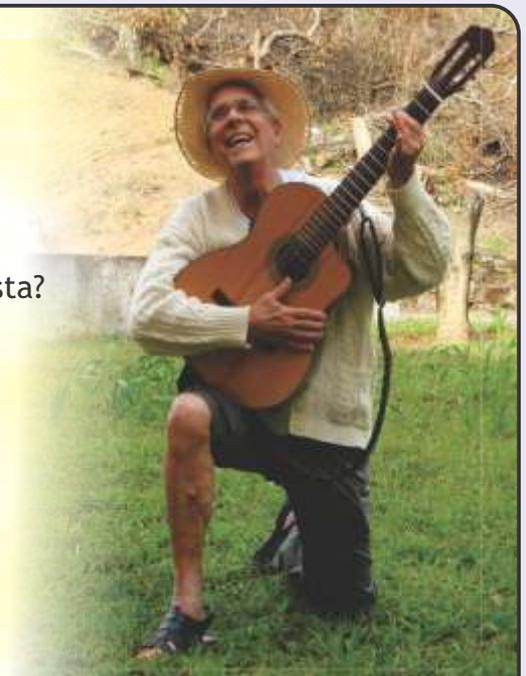
Jaime Pina da Silveira
Ex-aluno do Colégio São José
Pouso Alegre, MG - Padres Pavonianos

À pergunta: "qual o andar?"
responde o pinguço, a esmo:
Onde quiser me levar!
Já errei de prédio mesmo!

Gritei: - pare, Seu Joaquim!,
quando o trem apareceu...
Ele ainda olhou pra mim,
disse "ímpare" e morreu!

Therezinha Dieguez Brisolla - "Magnífica Trovadora"
Convidada especial - Coadjuutora da paróquia

Envie-nos você também a sua trova





ESQUADRÃO SABOÓ

(Seminário de São Roque)

Photodierna documenta a triunfal escalada do Morro do Saboó realizada em 18 de outubro de 2008 pelos magníficos atletas:

em pé - **Rovirso Aparecido Boldo** [Virvão] (64 -69)
Wilson Mosca - (55-57) - **Eduardo Antônio Santiago**
[Manga] (71 -73) **Horácio José de Souza** (59 - 60)

agachados - **José Novaes** (58 - 60) - **José Maria Garcia Germano**
(50 -55) - **João Bosco Amstalden** [Bosquinho] (61 - 64)
e **Atílio Brunacci** [Caridade] (49 -55)

ESQUADRÃO VUTURUNA

(Seminário de Pirapora)

Photodierna documenta o inesquecível encontro, privilegiado com delicioso almoço - muita prosa e muito verso - na casa de Dona Lourdes na celebração do aniversário de seu esposo, o Pezzotti (4) e de mais dois outros companheiros de Pirapora, o Amadi (2) e o Parnaíba (9). Hoje, o nó na garganta de tantas saudades.

1. **Domingos Botaro** (1942) - 2. **Jurandyr Amadi** (1948)
3. **Francisco Adail Martins Moreira** (1943)
4. **Antonio Ivo Pezzoti** (1942) - 5. **Renato Barbieri** (1943)
6. **Antonio Godinho** (1944) - 7. **Alfio Elmo Miniti** (1941)
8. **João Paes de Almeida** (1937) - 9. **Antônio de Oliveira Leite**
[Parnaíba] (1943) - 10. **Lourenço Medeiros Fernandes** [Perereca] (1947)



Para-choque do Caminhão do Ubaté

**POBRE É IGUAL PNEU,
QUANTO MAIS TRABALHA
MAIS LISO FICA.**

CASO EDIFICANTE

José Lui*



Nonna furba !!!

Una nonna italiana ao telefone indica sua moradia ao neto, que faz tempo que não a vê e quer visitá-la com sua nova mulher.

- Quando vocês chegarem no prédio na porta da frente tem um grande painel, cheio de números, eu moro no apartamento 301. Aperte o botom do interfono com o cotovelo que io abro a porta. Doppo entra no elevatore e à direita aperta o tre com o cotovelo. Quando vocês sairem do elevatore, mio apartamento é à esquerda. Com o cotovelo aperte a sineta. Tcherto?

- Nonna parece fácil, mas porque tenho que apertar todos os botões com o cotovelo?

- Maaah che! Dio mio. Tão vindo de mãos vazia? Porca la miseria!!

(*) José Lui, 82 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.01.2019	
POSIÇÃO EM 30.11.2018	12.282,48
ENTRADAS	
Contribuições e doações	3.011,66
Juros	104,77
TOTAL ENTRADAS	3.116,43
SAÍDAS	
Diagramação Echus 158	756,00
Antecipação Seminário	300,00
Despesas Correios	35,10
Despesas Bancárias	71,80
TOTAL SAÍDAS	1.162,90
SALDO ATUAL 31.01.2019	14.236,01
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.12.2018 a 31.01.2019, dos seguintes colegas: Antonio Carlos de Freitas, Carlos Domingues Cosso, Isidoro da Silva Leite, João Bosco Amstalden, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Luiz Gonzaga Cruz, Manoel Santiago da Silva Leite, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Rovirso Aparecido Boldo, Vicente de Paulo Moraes e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP-Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antônio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hireinaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro, Luiz Loureiro, Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi, Valdevino Soares de Oliveira.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Antonio Carlos Correa, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

* E-mail : echusdoibate@gmail.com

* "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

* Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

* Comunidade IBATEANOS no Facebook

* Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://fwabaco.dyndns.org/echusdoibate>

Diagramação: Conexão Propaganda

